

MENDES, Tarcísio Moreira. Ato de criação: performance de uma linha de pesquisa em um texto acadêmico. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação; bolsista CAPES; Membro do *Travessia* Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq; Professora Orientadora Dr^a Sônia Maria Clareto. Performer e professor e artista.

RESUMO

Provocado a pensar novas relações na pesquisa acadêmica, pensar uma trajetória neste território constituído por um intenso exercício codificado. Um performer na Educação. A academia em performance. Performance como desterritorialização de uma linha de pesquisa. Linha de pesquisa em performance de criação. Performance de linhas na territorialização de um ato de criação de um texto. Texto acadêmico em performance. Riscos. Na cartografia da constituição de si e de mundo, no caos criativo, vislumbra-se uma fenda no abrigo-território codificado *Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Na arqueologia de produção do grupo *Travessia* linhas e mais linhas são encontradas; fendas e mais fendas no abrigo seguro. O trabalho artístico continua, tentando fugir às opiniões e à comunicação. O pensamento companheiro e esquizo de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a aula de Claudio Ulpiano sobre desterritorialização e linhas de fuga tornam-se Máquinas de Guerra que geram mais fendas no entendimento sobre Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. Ziguezagueando com Deleuze, uma fuga possível é criada: o Ziguezague de Pesquisas Línguas e Experiências e Invenções de Professores. Atenção para não impedir fluxos...

Palavras-chave: Arte da Performance. Academia. Texto. Invenção.

ABSTRAT

Provoked to think new relations in academic research, to think a trajectory this territory constituted by an exercise intense encoded. A performer in Education. The academy in performance. Performance as deterritorialization of a line of research. Performance of a line research in creation. Performance of lines in territorialization of the act of creation of a text. Academic text in performance. Risks. In cartography of constitution of himself and of world, in creative chaos, it glimmers a slit in the shelter-territory encoded *Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores* of the *Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora*. In archeology of the *Travessia* group's production, lines and more lines are discovered: crevices and more slits in safe shelter. The artistic work continues, trying to flee opinions and communication. The companion thought and schizo of Gilles Deleuze and Félix Guattari, the lesson of Claudio Ulpiano about deterritorialization and lines of escape becomes *War Machines* that generate more slits in understanding about language, knowledge and teacher training. Zigzagging with Deleuze, escape possible is created: the *Ziguezague de Pesquisas Línguas e Experiências e Invenções de Professores*. Attention to not prevent flows...

Keywords: Performance art. Academy. Text. Invention.

ATO DE CRIAÇÃO: PERFORMANCE DE UMA LINHA DE PESQUISA EM UM

TEXTO ACADÊMICO

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



A arte como aquilo que se sustenta, como ato de criação (CLARETO, 2011, p. 28)

[...] os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco de caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda [...] Então, segue a massa dos imitadores, que remedam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente a visão; e dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, aos seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver. Significa dizer que o artista se debate menos contra o caos (que ele invoca em todos seus votos, de uma certa maneira), que contra “clichês” da opinião (DELUZE; GUATTARI *apud* ROTONDO, 2011, p. 168).

Partindo de alguns territórios constituídos, {- o que é um território? Nada mais do que um conjunto de códigos: um conjunto de códigos num território. O que implica dizer que, quebrando um território, ocorre uma desterritorialização; mas também uma descodificação.} promovem-se quebras no que se constitui como *abrigo* acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Mais especificamente, na Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. O encontro com as Filosofias da Diferença não deixa impune os territórios conceituais alinhados. Com todos os encontros que se seguem, inicia-se o movimento artístico de desterritorialização e descodificação, a Máquina de Guerra em funcionamento. {E todos que desterritorializam e descodificam podem ser chamados de Máquinas de Guerra,...} e...

... Letras e Linguagem e Literatura e Pedagogia e Artes Cênicas e Teatro e Eloísa Abrantes e Clarissa Alcantara e Deleuze e Guattari e Suely Rolnik e Arte da Performance e UFMG e UFBA e PUC/RJ e Escola e Pedagogia e Escola Angel Vianna e Angel Vianna e Klauss Vianna e Rainer Vianna e Dança-Teatro e Maria Helena Falcão e Tiago Adão Lara e Sônia Clareto e Filosofias da Diferença e Nina Veiga e PPGE/UFJF e Travessia e Ana Lygia Vieira Schil da Veiga e Pedagogia Waldorf e Loucura e Edson Costa Duarte [vivo] e Cura e Corpos Informáticos e anti-Édipo e Mestrado e...

... disparam linhas de fuga {Então, esse conceito aí - linha de fuga - não está dentro de um território, está fora do território.} e elas se embolam e se fundem, *com-fundem*, constituindo outro possível da linha de pesquisa acadêmica, em travessia..

Escrito à 1h, do dia 26/02/2013, pelo pensamento que não deixa dormir:

ATO DE CRIAÇÃO

Extensivo a todos os discentes e docentes do PPGE-UFJF (e outros interessados).

Pelos poderes a mim instituídos, por feitiçaria, na alquimia, em maquinaria, na vagabundagem diremos não de *Linguagem* visto a singularidade, heterogeneidade multiplicidade existente em nós, capaz de ser expressa por Línguas de fogo flamejantes que cinza para que a fênix criativa nasça sempre, onde verbo só carne e nada mais. E Tudo mais.

... Nietzsche toma arte de estilo, e pelo substrato do estilo, define a experiência no conjunto de tensões que lhe são imanentes. Por outro lado, a compreensão desta escrita exige a experiência de estados semelhantes. Sua ausência indica a impossibilidade de compreensão do conjunto de signos, pois, “não se tem ouvido para aquilo que não se tem acesso a partir da experiência.” (NIETZSCHE,

tratar mais
e
que só é
línguas.
tornam tudo
renasça e
pode ser

Não diremos mais *Conhecimento* visto que, tudo se desfaz e faz sem senso-comum *hopinotizado* (hipnotizados+idiotizados+opinativo) de um amontoado de informações descartáveis frente à tragicidade e à crueldade da vida. Diremos: todos somos a experiência, fruto duro e doce da experiência sempre criativa, inapreensível para sempre, sempre sensível, sempre possível.

1888/1995, p.53) (LEITE, 2011, p. 73).

Por fim, não diremos mais *Formação de Professores*, pois não temos a forma, nem a fôrma que se espera nominável e segura para o ofício. Apostaremos na invenção da atualidade dos encontros com seus meios, no meio, sem fins seguros, sem fim que dê forma, é disforme, mas inventa formas sempre em devir.

Como conhecer este mundo? Como conhecer *neste* mundo? Como viver no intempestivo? Sufoco! Sem imagem de pensamento que dá segurança da bolha do conhecer. Salva. Com o emaranhado das forças constituindo o mundo. Selva. Sem música tranquila e transparente da bolha. Silva. Com a sede do insaciável. Solva. Sem respostas prontas e imediatas. Sulva. (CLARETO, 2011, p.20)

Sendo assim, instituímos o ZiGuEzAgUe De PeSqUiZaS línGuAs E eXpErlênclAs e InVeNçÕeS dE pRoFeSsOrEs filiada à Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. Filho bastardo, apartado, ovelha negra, filho pródigo sempre pronto para fugir de casas paternas.

A partir disso, não se espera nada. Mas muito virá.

**Pós-Criação (ainda em criação):
inteligência
*depois 2...***

**A
vem**

Não há “a” forma-escola, “a” forma-aluno, “a” forma-professor, “a” forma diretora, “a” forma-supervisora, “a” forma-secretaria de educação, “a” forma-mãe, “a” forma-... (ROTONDO, 2011, p. 170)

Este Ato se constitui como exercício de um pensamento forçado por encontros de diferentes naturezas, por singularidades díspares. “A questão é como relacionar as singularidades díspares ou relacionar os potenciais.” (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 93) É processo de processo, com cortes-desligamentos, efetuação de processos e novos acoplamentos, eterno retorno ao mesmo que gera apenas diferença. Ao

pensar os territórios pelos quais transito percebi a repetição, mas que por seguir novos agenciamentos, se torna outro. No início de minha trajetória acadêmica fugi do que me apresentavam, na UFJF, como território da Pedagogia e hoje, retorno à UFJF para pensar um outro da Pedagogia, no Mestrado em Educação.

Segui na criação violentado pela fala do Prof. Wenceslao Machado de Oliveira Jr – FE/Unicamp, em ocasião do Seminário interno do PPGE/UFJF, ocorrido em 2012, pensado outras relações possíveis na formação de professores. Naquele momento, apesar de estarem presentes às discussões grupos distintos, abrigados na mesma linha de pesquisa acerca da Formação de Professores, parecia que ao dizer formação se falava de *uma* mesma e única formação. No entanto, o grupo *Travessia*¹ não tinha *uma única e boa* forma para formar professores, pelo menos se pretendia pensar uma forma outra para professor, singular e sempre em invenção. Estava lançado o desafio de pensar forma sem se fechar em uma única fôrma. De que forma?

As citações no início do texto em letra Monotype Corsiva, entre chaves ({}), são provocadas por passagens do vídeo aula do Professor Claudio Ulpiano acerca das relações entre territórios e códigos. Na Educação em performance, vejo possível outras conexões entre arte e educação e novos territórios. Este Ato não se trata de uma abstração, mas se constitui na imanência da questão posta. Partindo da Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, vislumbra-se outro possível com o ziguezague da mosca que se esquiva ao golpe do irritado com seu zumbido. Apostase na criação em ziguezague – “Talvez seja o movimento elementar, o movimento que presidiu a criação do mundo.” (Idem) – em alternativa ao desenvolvimento linear, contínuo e alinhado – alternativa ao que é de costume, habitual, normal.

Vindo dos territórios da arte da performance e no encontro com as filosofias da diferença, ziguezagueando na academia, na pesquisa em educação, experimenta-se uma outra possibilidade do texto acadêmico. Este texto que já fora apresentado em outra forma na área de Educação no *V Seminário Conexões Deleuze e territórios e fugas e...*² na Unicamp, agora, transfigura-se no território da arte como linguagem desejando ser outro. Sendo outro em relação com o espaço. Investindo no desconhecido da performance e propondo outros possíveis na pesquisa.

Em ziguezague indo e vindo, “aqui ali”, em territórios constituídos buscando fugas possíveis, convivendo com singularidades que combinadas não criam homogeneidade, e sim, mais singularidades. Não é no ziguezague que se cria, seguindo a linha, mas no entre. O movimento ziguezagueante faz surgir o *raio* da criação. “E uma vez que o trajeto do precursor sombrio estava feito, os dois potenciais ficavam em estado de reação e, entre os dois, fulgurava o evento visível: o raio!” (Idem). O movimento é invisível, o raio é visibilidade produzida pelo movimento, em performance.

¹ *Travessia* Grupo de Pesquisa é certificado pelo CNPq e interessado na desdobra da pesquisa entre Educação, Filosofias da Diferença e Arte. Abrigado no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz Fora – PPGE/FACED/UFJF.

² Seminário ocorrido na cidade de Campinas, promovido pela Faculdade de Educação da Unicamp, entre os dias 20 e 23 de agosto de 2013. Na ocasião, o *Travessia* Grupo de Pesquisa apresentou mesa intitulada *Formação como processo ético-estético-político*.

O zumbindo, o incômodo com os territórios e com os códigos impostos *a priori* exige um exercício de experientiação esquizofrênico, pois “o esquizofrênico é o produtor universal...” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 18). Neologismos são acionados: *PesquiZas*. As fugas se constituem no fora dos territórios, mas mesmo assim, em relação a estes territórios, o esquizo apresenta-se como aquele capaz de seguir a linha de fuga, indo de um código a outro, embaralhando os códigos para criar e criar e criar e

Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele *embaralha todos os códigos*, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo [22] acontecimento, e até aceitando o banal código edipiano, quando este lhe é imposto e ele não está irritado, mas sempre na iminência de voltar a entulhá-lo com todas as disjunções que esse código se destina a excluir. (Ibidem, p. 29)

Ainda é possível criar múltiplas relações com a linha de pesquisa, no entanto, percebe-se que suas delimitações territoriais e de código impedem outros possíveis. Por isso, ziguezaguear é preciso! Porém, temos que estar atentos para que esta fuga não se torne um abrigo tão seguro e fechado que não permita os fluxos, novas fugas, outras experiências, novos acoplamentos. Fica o convite ou convocação a novos performers, novos esquizes capazes de criar outras fendas, seguir outras linhas de fuga para operar a incomunicável novidade que o caos criativo traz. Talvez quanto mais esquizofrênico, mais artístico, mais experenciado, mais destruidor e nem por isso, menos relacionado com outros territórios e criador, já não seja possível dizer Linguagem, mas apenas línguas e não seja possível Conhecimento, apenas experiências e não seja possível Formação, apenas invenção de mundos possíveis e não seja possível, só sejam possíveis...

REFERÊNCIAS

CLARETO, S. M. Na Travessia: construção de um campo problemático. In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da. (Org.). **Entre composições: formação, corpo e educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 17-32.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. TV Escola, Ministério da Educação. 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LEITE, M. V. Professor, como alguém vira filósofo?. In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da. (Org.). **Entre composições: formação, corpo e educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 59-78.

ROTONDO, M. A. S. O. Caminhada pelo abrigo da vida-escola: a(travessa)ndo umas orações. In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



(Org.) **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 167-196.

ULPIANO, C. **Plano de imanência (Território) ou A ideia de imagem do pensamento**. Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=1994>. Acessado em 20 de maio de 2013.